



O Gaiato



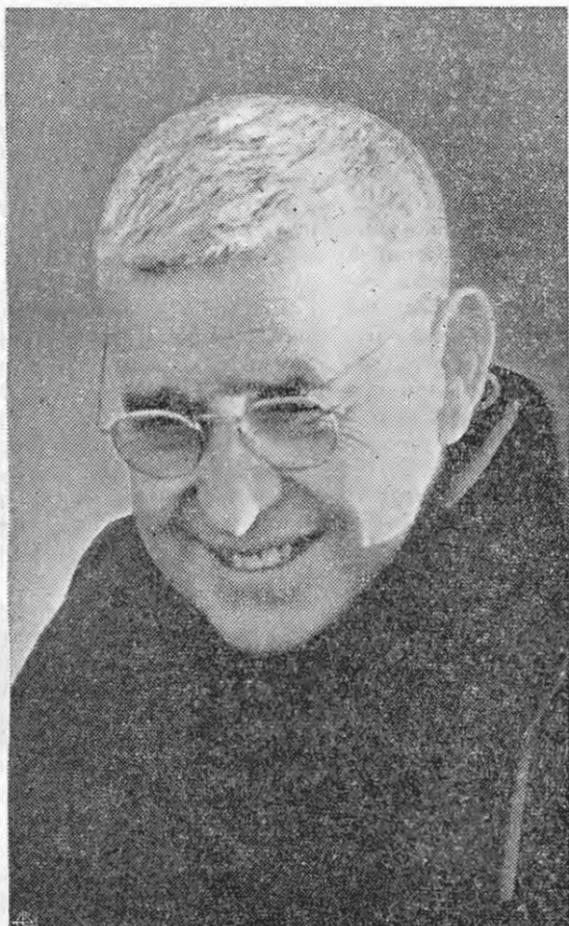
OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano XIII — 335 — Preço 180
5 DE JANEIRO DE 1957

Propriedade da OBRA DA RUA — Director e Editor: PADRE CARLOS
Vales do correio para Paço de Sousa — AVENÇA — QUINZENARIO

FUNDADOR
PADRE AMÉRICO

Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa



Grandes coisas fez como quem brinca, naquele seu «jeito de brincar com tudo e com todos», guardado até ao fim.

FACETAS DE UMA VIDA

A vocação do P.e Américo será sempre um acontecimento de difícil explicação. Não há psicologia que o explique, se não se procurar mais alto que a simples ciência da terra.

Quando o Américo partiu de África com o chamamento a consumi-lo, já no barco, foi procurado por um comerciante alemão, mal visto na então Colónia pela pouca lisura de seus negócios, que pediu ao Américo para, quando regressasse, ir trabalhar com ele. O Américo sabia que não voltava e, mesmo que voltasse, não queria colaborar com o tal alemão. Mas, como ele insistisse, o Américo, para se ver livre do homem, disse-lhe que sim e ditou-lhe as suas condições de ordenado, comissões, regalias, etc. Essas condições eram de tal maneira fabulosas, que foram ditadas apenas para se ver livre do caso. Mas o alemão foi anotando essas condições e, antes do barco partir, apresentou ao Américo um contrato em forma que es-

te, achando inexequível, assinou. E voltando para a Metrópole, nunca mais pensou no contrato do alemão.

Na Metrópole, não disse a ninguém o que lhe ia na alma. Poucas pessoas conheceram de perto o drama do Américo. Passou ele o maior tempo dessa sua estadia em Portugal em casa da sua prima Bernardina, que ao tempo morava em Paço de Sousa, na companhia de suas filhas Benilde e Emiliania, esta casada com um irmão do P.e Américo, o Zeferino. A amizade que sempre o ligara à sua prima Benilde aumentou extraordinariamente nesse tempo. Era esta, senhora de invulgar cultura, muitíssimo inteligente e possuidora duma sólida formação religiosa. Passavam muitas horas em conversas sobre religião e nessas conversas havia sempre a luta entre a plácida fé da Benilde e a ânsia de certeza do Américo. Registemos um pedacito duma dessas conversas:

— Ó Benilde, tu tens a certeza de que na Hóstia depois de consagrada, está o Corpo e o Sangue de Cristo?

— Tenho.

— Mas nunca tiveste dúvidas?

— Nunca.

— Era isso que eu queria sentir: essa certeza sem a mínima dúvida. As vezes duvidava tanto!

E no meio disto tudo havia sempre o «vou?»... «não vou?» que muito o torturava.

Entretanto os preparati-

vos para a entrada no convento iam de vento em popa. E o Américo e a Benilde iam preparando as malas para a ida para Tuy, ele torturado pela dúvida, ela possuída da certeza de que seu príncipe estava no verdadeiro caminho. Mas...

Quando as malas estavam já quase prontas, apareceu uma carta de África. Era alemão que exigia o cumprimento do contrato. Para as exigências do Américo eram fabulosas. Tão precisas e tão precisas que precisavam de um colaborador merecia tudo que exigia. E o Américo falava: — Ora! Mas para que é isto? Eu ando agora cá a penitência em seminários e conventos. Vou mas é para África cumprir este contrato e dentro de meia dúzia de anos ter uma fortuna mais que com-

— Continua na terceira página

AQUI, LISBOA!

Em pouco tempo a feição externa da capital modificou-se por completo. Quem por longos anos ausente, hoje voltasse, não a reconheceria de composta e ajeitada que está. Foi operação difícil, mas que a inovou profundamente. Rasgaram-se longas artérias, encheu-se a cidade de frondosos jardins, e por toda a parte subiram edifícios públicos e particulares a altura não atingida e em escala não igualada.

Porém, o observador atento e reflectido, ao percorrer as novas avenidas, magníficas no traço e colorido, dirá que no conceito de urbanização um elemento falta e fundamental. Testemunham-no dois universitários, que na semana passada me vão buscar ao Lar de Lisboa para lhes indicar um presépio do século XX. Não sabem nem ouviram ainda falar da Curraleira. E vamos até lá. Pretendem eles encontrar uma actualização frizante do nascimento de Cristo. Não há melhor sítio para exemplar do que ali. Começamos por uma pobre, que, com a barraca demolida, se vê obrigada a dormir mais a filha junto duma oliveira. Em noites de chuva pede abrigo, quando não, tapase como pode até que a manhã clareie, para sair a vender

POR
PADRE BAPTISTA

papel. Uma Like regista este presépio. Pela encosta abaixo, outros idênticos o são, e é sentidamente, que nos olhares de ambos lágrimas afloram e nos lábios de um a exclamação: «Eu não sabia disto. É tão bela a nossa cidade... pela frente. Mas como nela os homens são esquecidos!...»

De facto nos planos de urbanização o homem não conta. É atirado para longe, quando afinal ele tem de entrar como o essencial, e não como estorvo. Mas tem ele sido o sacrificado.

Urbanizar é servir o homem, sobretudo onde este gastar as horas mais dele, que é o recanto do lar. Impõe-se portanto que seja cuidado primário do urbanista, tornar aquele local aprazível que estimule os pais a permanecer e os filhos a não ambicionar a rua. Mesmo quando se pretende incluir o homem no conceito da definição em causa, aquele é encarado, apenas como quem dispõe do tempo somente para distrações. Multiplicam-se por isso os estádios, estendem-

se os parques, abrem-se mais salas de espectáculo. Mas, visto o homem ali não viver, e não haver onde, proliferam em consequência Curraleiras. Ora, para que tal não suceda, seja em função do homem todo o empenho de quem traça planos de urbanização.

Património dos Pobres

Estas viagens ao serviço do Património têm-me revelado o apego de muitos dos nossos rapazes a este seu lar. Durante o dia tudo vai bem. Mas chega a noite; com ela as saudades. E em parte alguma a gente se sente como na nossa casa. Eu lembro-me de ser assim em pequenito. Hoje já nada estranho de tão afeito a andar por aí. Mas reparo com gosto que os nossos «barbados» continuam meninos ainda neste ponto.

Pois por causa deste apego e por amor de não perder a escola nocturna, Joaquim Bonifácio ficou e foi comigo a Caetano.

Saimos depois do meio-dia, direitos a Entre-os-Rios. Era uma tarde bonita deste findar de Outono.

As duas casas da Eja, mesmo à beirinha da Ponte Duarte Pacheco, brilhavam ao sol. Pena que o terreno não desse para se distanciar mais. Se soubermos a tempo, teríamos preferido ali uma só casa.

Passámos o Douro sobre a ponte velha, direitos a Castelo de Paiva e Arouca. Nesta vila há cinco casas em mãos, que ainda este inverno, querendo Deus, hão-de abrigar outras tantas famílias. A situação é esplêndida, em encosta aberta ao sol e à vila. E ainda que à primeira vista pareçam segregadas do povoado, a verdade é que dali ao centro dele são escassos minutos. Deixamos o Pároco com uma ajudinha e trouxemos o consolação de que atrás daquelas cinco

— Continua na terceira página

UM DONATIVO

Sábado, 22 de Dezembro. Estava no Salão em saíndo a peça do Natal quando Manuel Bucha introduz dois rapazes novos. Sem querêr, lá a esboçar uma cara feia por mais aquele corte em nosso tempo tão retalhado. Os dois confirmam-se sorridentes de que sou o tal e arrastam-me cá fora. Um deles pega em minha mão e aperta nela um pequeno masso. Perguntei quem eram, donde eram. Sempre a sorrir, não responderam e partiram. Abri a mão e vi. Voltei em silêncio ao pé dos rapazes. Foi só um instante. Corri à janela. Nem soubra dos meus visitantes, nem carro, nem nada. Não sei quem são, nem donde são. Não os conheço, se os vir segunda vez. Sei que, silenciosos e sorridentes, deixaram em minhas mãos cem contos. Não sei mais nada.

Nessa noite, no Porto, o condutor do eléctrico entrega-me o bilhete perdido de seis tostões e diz-me que estava pago. Não sei quem foi. Não sei mais nada.

Cem contos; seis tostões — dois actos de uma emoção da mesma espécie, cujo protagonista se chama «silêncio por amor».

Bendito seja Deus pelas maravilhas que opera em Suas criaturas.

CALVÁRIO

Relicário, sim. Esta é uma coluna relicário dos sentimentos e das recordações mais nobres que o coração dos nossos leitores guarda.

Ouçamos «uma Mãe»: «No 6.º aniversário da subida ao Céu dum santinho pequenino. O vestido junto foi apenas usado há 18 anos na cerimónia do meu casamento. Se pudesse ter aplicação em qualquer coisa que ornamentasse a capelinha do Calvário, muito estimaria». E termina, pedindo um Pai Nosso «pelos meus entes queridos — marido e 4 filhos».

Mas a piedade familiar, que é a célula fundamental do amor fraterno em Cristo que ordena a Lei de Deus, não se fica neste testemunho.

«Uma viúva locista de Lisboa, mandou há dias 100\$00 em acção de graças «pelos exames de meus filhos» e hoje torna com metade, «agradecendo ao Senhor tantos benefícios que me concede». Naquele tempo foram curados dez leprosos e só um regressou a agradecer. Os dez haviam implorado: «Jesus, Filho de David, tem piedade de nós». E nove esqueceram aquela piedade que os curou. Esta «mulher forte» da classe operária — é uma viúva locista — pertence ao grupo pequenino daquele «um». Aprendamos a rezar com ela, antes de pedirmos mais: «Nós vos agradecemos ó Deus omnipotente, a multidão incontável dos vossos benefícios».

«Uma pequenina migalha, em sufrágio da alma da minha Querida e Santa Mãe, que faz hoje 25 anos compareceu perante Deus». Mais duas viúvas com 1.000\$00 e 20\$ duma «Mãe amargurada» e 150\$00, cem dos quais «foram encontrados na carteira de meu Irmão falecido há quase 9 anos. Conservava-os como lembrança, mas creio que irão ter melhor aplicação e que a sua Alma com isso se alegrará».

Vêm agora os da piedade perseverada mês após mês. Vinte do assinante 31.028; o mesmo de uma grande pecadora; outro tanto «duma doente para doentes»; e cinco vezes mais do nosso conhecido «amando os homens por amor a Deus, por inspiração do querido Pai Américo».

O Ultramar já deu com o caminho de Beire e faz-se representar largamente. Loboito, 45\$00. Uma Celeste de Lourenço Marques, aparece duas vezes com 500\$ cada. Leopoldville, o resto duma assinatura. Luanda 150\$00 e tantas outras parcelas quantas os ramos da Obra da Rua. E «migalhas de Angola», dos empregados do C.F.B. 1.000\$.

Os e as telefonistas do Porto já falados no último número do Famoso, não se esqueceram do Calvário, quando da sua visita. Deixaram 2.000\$. «Uma migalhinha» de 225\$ do Pessoal do Liceu Rainha Sta Isabel. E 3.220\$ do Pessoal da Calandra do

— Continua na 3.ª pág. —



Esta vez começámos pela Sé. No Seminário, eu fui testemunha do abraço do meu companheiro ao que, querendo Deus, em breve será seu Padre. Não é a primeira vez. Sei há muito que alguns dos nossos rapazes o visitam. E sei a exultação de Pai Américo quando lhe contei estas visitas tão significativas. Demorámo-nos, pouco. Ele compreendeu porquê. Mas acrescentou: «Eu também sou Pobre e sou do Barredo».

Donde, termos agora mais um Pobre no Barredo.

Uma Carta

«Padre:

Porque tudo aqui é muito caro e difícil, o dinheiro que tenho não chega ainda para realizar o meu velho sonho (uma casa modesta para mim). Acontece que continuo a poder pagar aquela em que vivo, e acontece também que nestas noites muito frias não posso dormir, não porque o frio me aflija, mas porque me doi que haja tanto infeliz sem telha que o abrigue, resultando daqui que o «montinho» acaba de sofrer um roubo, o velho sonho mais velho ficará, e alguém em qualquer lado, vai ter a felicidade de possuir uma casinha, enquanto eu louvo a Deus que tão feliz Natal me dá. E os 12 mil aqui vão!

Boas Festas para si Padre, e para todos os nossos irmãos. Vossa amiga desde o princípio».

Quem pode comentar? Onde as palavras? Uma carta assim lê-se de joelhos e depois... continua-se em graças, porque ainda há no mundo almas por amor das quais muitos dias terríveis serão abreviados.

Porque andam os homens à procura de remédio para a Paz? Onde pretendem encontrá-la fora do amor da Justiça? A confusão que nos ficou por castigo da soberba de Babel, permanece o grande castigo da Humanidade. Hoje como ontem. Os homens querem chegar ao Céu pelos seus meios. Loucos! Na medida em que prolongam a sua vã experiência, se aprofundam cada vez mais na confusão. A «torre» não sobe ao Céu. Mergulha e mergulha-nos no inferno. Onde o remédio senão no amor humilde da Justiça?!

«Nestas noites muito frias não posso dormir... porque me doi...»

O velho sonho, mais velho ficará..., enquanto eu louvo a Deus que tão feliz Natal me dá».

Ó dor bendita, inspiradora de poemas heróicos, quem te compreende se não amar humildemente a Justiça?! Ó felicidade, nascida da renúncia, quem te compreende senão pela luz do amor humilde da Justiça?

Dali, descemos as escadas do dito e fomos a casa do Edmundo que Deus tem. A mãe fazia a ceia. Naquela tarde tinha ajudado uma mulher na venda de miudezas e ela dera-lhe sete escudos. Perguntei-lhe o que comprara. Um quilo de batatas, uma couve, sete tostões de azeite (que ainda havia de sobrar para a lamparina dos «seus santos»), cinco tostões de café, três de açúcar, não sei quantos de petróleo e uma caixa de fósforos. Mostrou-nos o tostão que restava e as quantidades de tudo que ali tinha. Eu fiquei a conhecer melhor a dimensão das vidas governadas a tostões. Seguimos a casa do José dos Arcos do Barredo. Encontrámos a viúva, cosendo um pedacito de fígado que lhe haviam dado. Ele já não precisa de comer. Ela disse-nos como foi o seu fim. Doloroso como a vida toda, mas de consciência em paz.

A Rosinha estava meio zangada pelo muito tempo que passou desde a última visita. Ela sabe que minha vida é cheia de tanto por que olhar, mas não calcula ao certo. Daí os recados que mandou pelos seminaristas da Sé e até por um de Lisboa, que em férias costuma ir por lá.

Dois lances de escada acima é aquele cancerado do estômago. Era, digo melhor, porque ele já não é. Achámo-lo cada-vérico, respiração fraca, faces unidas, mirração de dores. Na véspera de Natal soube que ele nasceu para uma vida melhor, ido dum mundo muito vaga-

roso na marcha para melhor. Ele é uma testemunha de acusação, por nosso mal.

Quem me dera aqui dar notícias de vida. Mas no Barredo, quando muito vegeta-se. Entrámos nos Mercadores. Subimos o «arranha-céus» já citado nestas colunas. Eram oito da noite. Em ambas as casas reinava o silêncio. Batemos hesitantes. Segundos passados apareceu-nos a Avó tossindo perdidamente, consumida pela tísica. Na enxerga estreita donde se levantara continuava uma netinha. Bem quiséramos, mas assim, quem pode dar aqui notícias de vida?!

Tornámos a descer. Duas portas acima, voltámos a subir. A nossa doente já se não levanta há muitos dias. Naquela tarde tinha-lhe apetecido um bife e batatas fritas. Comunicou a uma vizinha pouco menos pobre do que ela. Na hora em que entrei chegou a «samaritana» com o petisco do desejo. «Terra de heróis»...

No regresso, na Banharia, alguém chama por nós. Queriam que trouxéssemos um bocadinho de açúcar para as rabanadas. Pedimos que não, que o dessem a alguém mais pobre dali mesmo. Mas a gratidão ficou de pé. «Terra de santos»...

Na véspera de Natal, o meu companheiro pediu dispensa no trabalho e voltou aos mesmos lugares a reforçar a consolação.

Naquela noite o Menino Deus terá feito esquecer que ali é «terra de mártires».

SETUBAL

A Obra da Rua é de rapazes, para rapazes, e muito em breve totalmente por eles. Pretendemos mesmo que tudo seja desempenhado por suas mãos e cuidado. Para que tomem consciência desta nossa intenção, os mais adestrados entre os alfaiates, carpinteiros, pintores e até agricultores têm feito estágio nesta Casa e contribuído na medida das possibilidades de cada um para que em breve também esta seja Lar familiar para o garoto das ruas de Setúbal. Muitos daqueles vêm já como mestres executar sua profissão. Pensando nós quem eles foram, inúteis e viciados por vezes, damos graças ao Senhor ao vê-los diligentes, trabalhadores com sentido da responsabilidade pedida. Se nos perguntarem, qual o caminho da conversão diremos que o «trabalho». Por ele o rapaz deixou vícios e maus hábitos de que o ócio é mãe solícita, e adquiriu brio pelo ofício que escolheu e com o qual merece lugar honroso na sociedade ao lado dos que o têm.

Trabalhando, pois, todos, como condição de estadia na

Casa, nenhum deles pode, em verdade, afirmar que sua obrigação é penosa. O trabalho não custa quando repartido, e menos ainda quando feito a cantar. Quem descer ao nosso palheiro atesta isto mesmo ao dar com alguns deles a entoar cantigas enquanto desfiam as folhas de milho para os enxergões. Conjugados os esforços para o fim em vista a quota parte de cada um é pequena para ser difícil. E o resultado obtem-se. Há dias, uns senhores vêm por aí fora. Entram e dão com um «batata» a choramingar. Interrogado, este queixa-se da tarefa da tarde: «mandaram-me acarratar lenha». Por esta supõem eles tratar-se de toros pesados sob que vergam ombros tenros de criança. E insurgem-se contra o crime diante da vítima. Querem ver mais trabalhos forçados e seguem para o local onde labuta o resto dos «batatas». Foi a desilusão. Todos saltam felizes, uns com ramos entre as pernas a servir de montada, outros com eles nas mãos a saltitar. O crime é isto que presenciam: um

CAMPANHA DOS CINQUENTA MIL

Com uma lista de 24 assinantes novos recebemos da Marinha Grande a seguinte carta: «Sou assinante do vosso jornal há pouco tempo, mas simpatizante da grande Obra e leitor assíduo desde que atingi a idade da razão. Tenho a minha morada no Porto, mas como a minha profissão é viajante raramente me encontro ali. Não querendo ficar alheio ao vosso apelo, meti mãos à obra arranjando novos assinantes. Foi com bastante mágoa que verifiquei haver ainda muita gente no nosso país que desconhece a Obra do Pai Américo. Para que todos tivessem conhecimento da grandiosidade e importância da mesma, nada mais eficiente do que todos os párocos de todas as freguesias transmitissem e dessem a conhecer aos seus paroquianos o valor da Obra, que é uma Obra de Deus e orgulho dos portugueses. Todos os chefes de família que podem deviam assinar «O Gaiato» pois ele é tão precioso no lar como por vezes o pão para a boca. Que Deus vos proteja e encaminhe numa Obra que é, em minha opinião, a glória duma geração».

Como o viajante é um homem que lida com muitos homens de muitas terras pode ser, na verdade, um grande colaborador da nossa Campanha diz-nos a carta que acabamos de ler, plena de conceitos e sobretudo de muito amor por uma causa justa.

Nada como deixar falar os leitores. Todos e cada um têm sempre uma palavra diferente: um desabafo, uma ideia, um coração cheio. Por isso, quanto menos dissermos, melhor. Eles é que trabalham. Eles é que se sacrificam por mais e mais assinantes.

Finalmente tem a palavra um ex-presidiário: «Encontrando-me privado da liberdade na cadeia de X, há cerca de 17 anos, e sendo agora restituído à liberdade tenho muito interesse em ser assinante de «O Gaiato», pelo bem que me tem feito a doutrina expandida nas suas colunas. Peço que rezem uma oração para este pobre pecador». No silêncio da cela, que horas de amargura suavizadas pela leitura de «O Gaiato»! E quantos e quantos dos nossos leitores procuram no «Famoso» o que o mundo não lhes oferece — palavras de Vida Eterna, alimento da alma. E é por isso que ele é tão amado e tão querido e tão desejado.

Júlio Mendes

Património dos Pobres

— Continuação da primeira página —
se trabalha por mais. A regra não é outra — torno a repeti-lo — «tantas, quantas».

Arouca é uma terra cercada de montanhas aonde se vai e donde se vem por más estradas. Habitados como andamos aos paralelos, estranhámos bastante o mau «maçadame» dos seus acessos. Por causa deles, quando chegámos a S. João da Madeira já desceia a tarde. Todavia, ainda a tempo de ver o que há e de antever o que virá em breve: duas casas habitadas, que Pai Américo construiu quando ainda tínhamos Lar em S. João. Em terreno contíguo, mais quatro em acabamento, todas elas com grandes e formosos quintais. Em outro extremo da vila, um terreno espaçoso dá-nos a perspectiva de um pequenino bairro, que é agora os cuidados do Pároco. Fronteiro a este uma série de casas diz-nos a má sorte dos corpos quando falta a alma.

Já noite foi um bocadinho extraordinário com o António Martins, que foi o «Papagaio», e agora é tipógrafo na sua terra natal. Pai Américo foi, mais que nunca, o grande «presente» naqueles momentos de familiar convívio.

Dormimos no Porto. Manhã seguinte recomeçámos em Gaia. Lever vai ter para já 4 casas, em situação de invejar. Em Vilar de Andorinho serão 6. Há terreno, há projecto, há vontade e há a Câmara de Gaia com 4 deles por cada casa. Quem teme construir no coneelho de Gaia?

Em Pedroso também há terreno, há algum dinheiro; plantas levei-as eu. Sabemos mais que as trovoadas acordam as nascentes. Esperamos.

Em Canelas vão ser tantas quantas o terreno permitir sem sobrecarregar. O Pároco chegou há pouco. Encontrou uma bela residência ainda por concluir. Mas encontrou bem mais urgente de uma conclusão as «residências» de muitos dos seus paroquianos. Esta urgência enche-lhe o peito e ele vai já começar.

monte de lenha seca acumulado com alegria.

Não julguem pois, que o trabalho seja penoso. Como também não suponham que tudo é folguedo. Há a consciência tomada do dever a cumprir. A não ser assim, não teríamos diariamente e a horas certas a mesa posta; nem a novidade dos campos a rebentar na devida altura; nem os dos Lares no emprego certo com agrado evidente dos patrões que requisitam mais; nem se podia viver em semelhante anarquia.

O trabalho é a moeda natural de resgate do garoto da rua, quer ele tenha vindo directamente desta, quer da casa correcional ou prisional onde esteve de mãos cruzadas. Ora, com os sessenta que actualmente compõem a Casa do Gaiato de Setúbal, não iremos por outro caminho.

Padre Baptista

Em Madalena não sei se são seis se oito casas. Em Gulpilhares atingem-se em breve as catorze. Em Mafamude resolveu-se finalmente o problema do terreno e tudo está a postos para começar.

Terminamos nossa jornada em Valadares onde já são 10 casas muito bem acabadas e muito bem conservadas por seus habitantes, o que diz quem são os vicentinos que as visitam. Devem ter começado já outras dez. E projecta-se um bairro de rendas verdadeiramente económicas onde caibam famílias sem crescimento limitado. Para tal já têm 20 contos e a certeza de que virão todos os que forem precisos para a Obra ser. Quando? De onde? Isso é com Deus.

FACETAS DUMA VIDA

— Continuação da primeira página —

derável. Para que ando para aqui a pensar e a consumir-me!

E foi mais uma vez a Benilde, a confidente das suas amarguras, que lhe mostrou o caminho. A ida para África é que seria a tortura e o convento a paz.

E o Américo despediu-se da família. Avisou que ia fazer uma viagem pela Austrália e que, portanto, estaria uns tempos sem dar notícias. Mas que não valia a pena estarem em cuidado por causa disso. Que voltaria mais breve do que o costume. E em segredo disse à Benilde:

— Vou fazer a última ten-

Calvário

— Continuação da página anterior —

Bonfim, que já tantos trabalhos nos tem feito, sempre graciosamente.

Estoril, 20\$ «espera com a ajuda de Deus mandar mais alguma coisinha quando o puder fazer». O mesmo de «uma Avó». Um médico de Espinho, 100\$ e mais lembranças para a Casa e Património.

«Um humilde profissional de Seguros pedindo ao Pai Américo que rogue a Deus por mim e me livre de todos os perigos e tentações». Oh oração! Cinquenta de R. S., que manda mesmo antes de obter a graça pedida. O mesmo de algures sufragando uma alma. E de Faro e do Porto 500\$00 e do Quartel de Artilharia 1, 100\$00. (Esta metralha, sim, constrói a Paz!) e 2.000\$00 e 50\$00 e o mesmo e 20\$ e 120\$ e 50\$ e três mil e Alguém com 25\$00 e Porto com quatro vezes mais. Coimbra, 500\$, «que é a 1.ª renda que recebi de uma casinha que acabei de construir». Dez vezes menos de «Um dos da 1.ª hora».

E o dobro «por alma do Pai Américo, para mais pertinho de Deus pedir pelo desenvolvimento da Obra da Rua e para Deus encher de virtude o seu substituto».

Assim seja.

Da que nós necessitamos

Mais do que nunca esta velha rubrica é hoje ponto de meditação. «Muitas vezes e de muitos modos falou Deus, outrora, a nossos pais. Nestes últimos tempos, porém, falou-nos por seu Filho» — diz a liturgia do Natal. Na verdade, não pode vir senão do Coração de Jesus, infinito de Misericórdia, a «voz» que desperta misericórdia no coração dos homens. Tantos que nos lembraram! Tantos que sacrificaram alguma coisa por nós! Tantos que já não concebem a felicidade se a não compartilharem com o irmão na desventura. E muitos destes tantos, acordados pel'«O Gaiato», que tem

sido «nestes últimos tempos» um dos «muitos modos» por que Deus tem falado pelo seu Cristo!

Depois, é a confiança que o mundo tem em nós. Tantos que depositam em nossas mãos quantias avultadas e a certeza de que elas terão o melhor emprego! Leiamos «um donativo», de que se fala em outro lugar. Quem entrega cem contos a outrém, sem lhe dizer a origem nem marcar destino, quem?

E as nossas mãos pecadoras são testemunhas desta confiança. Oh responsabilidade tremenda! Que o Senhor nos dê a graça da perene correspondência.

x x x

Eu não tento sequer enumerar quanto nos chegou, pelo correio, pelo caminho de ferro, entregue no Lar, no Espelho da Moda, aqui em casa. Não tento. Apenas quero sugerir uma imagem deste desfile imponente da Caridade, sem o guarda-roupa dos cortejos dos homens, mas com a opulência dos mil matizes que toma a delicadeza das almas. Desde aquele que dá o dobro da assinatura, «para pagar a de alguém que, como eu, gosta de o ter e não o possa pagar», até ao sacrifício do grupo de criadas, que servem nas Antas e trouxeram aqui 670\$, fruto Deus sabe de quantas renúncias. Do grupo, disse. Não é uma nem duas. É uma ou duas que se lembraram e foram lembrar as outras, sujeitas a boa e má aceitação e reuniram e juntaram e trouxeram. Oh participação activa na Liturgia viva da Caridade!

Muitos outros trabalhadores e grupos de gente humilde: o Sindicato de Operários Texteis de Famalicão; o Grupo Dramático de Vilar do Paraíso; Sociedade Columbófila de Azevedo; o pessoal da «Pluvius» e o de António Sardinha, L.da; e a Câmara dos Correctores do Porto; e uma oficina de Avintes.

Ao lado destes, entidades patronais, que procuram ocupar a sua devida posição social. A Sopotata, a Sacor, o Instituto do Vinho do Porto, J. Ruivo, de Riba d'Ave, Fiação e Tecidos de Bairro, Póças Júnior, Jope de V. N. de Ourém, Companhia do Assucar de Angola, Armazens Braga, Malhas de Santa Luzia, de Guimarães, Joaquim de Oliveira Pinto & C.a, uma Casa Bancária de Tomar, Confecções Gentleman, Sousa & Maia, de Braga, Portuense de Curtumes, Federação dos Industriais de Lanifícios, João Mora e José dos Santos Pinto, L.da, ambos da Covilhã e a Junta de Freguesia de Arcoselo.

Se vamos ao Ultramar, podemos compor um «atlas» de geografia: Sá da Bandeira, uns americanos de passagem em Santa Maria, Inharrime, Newark e Oakland nos Estados Unidos, Quelimane, Catumbela, Luanda, Namaacha, Beira, Rio de Janeiro, Moçamedes, Vila de Manica, Babaira.

As intenções sempre impressionantes do «primeiro abono do meu filhinho» e «de um primeiro ordenado extraordinário» e de «meio ordenado» por promessa.

As Pobres do «verdadeiro sentido de bem fazer» e do «filho que barrega» e os dos «barredos», não foram esquecidos pelos devotos de todos os meses e por muitos outros que marcaram presença nesta época festiva. Na secção própria se diz como estes donativos foram distribuídos.

Uma linda ovelha do Porto, que dá pelo nome familiar de Natália. Mais talheres de uma fábrica vizinha e 10 chales de Maria Adelaide e 50\$ «de dois amargurados» e 5 contos em lembrança do Dr. Barata da Rocha e da muita estima que o ligava ao Pai Américo e 1.500\$00 para aqui e outro tanto para Mirandá dum velho e grande amigo de África, a quem Pai Américo chamava o «seu patrão».

Nem a nossa Johannisberg, a nova «automática», ficou sem «consoada». Ao longo da quinzena foi prendada com 1.160\$00, pelo que ficamos em 350.500\$00 — 1.160\$00 = 349.340\$00.

Louvado seja Deus.

Aquela velhinha dos 80

Começo por uma carta: «É muito raro deixar de ler o vosso jornal e quase sempre depois da sua leitura fica uma comoção e um imperativo de fazer o bem, ou pelo menos colaborar com a vossa obra, todavia, e sinto desgosto ao pensá-lo, nem sempre essa chamada de consciência é atendida e, passados momentos, tudo foi esquecido». São palavras dum Moço que tropeçou em «Cristo agoniza a nosso lado». «Minha Mãe», continua, «faleceu quando eu tinha 13 anos e essa perda perturbou a minha casa, afastou-me do caminho da Igreja». Há tragédias na vida que deixam a alma a escorrer sangue por toda a vida. «É ilusão dizer-se que com os anos tudo esqueces». No lar deste Moço que abandonou a Igreja, porque aos treze anos lhe faltou o seu Anjo, entra «O Gaiato». Lê-o e deixa-se comover. Outro tanto fazem os ateus e as toleradas; presos todos a cadeias com que os ataram ou se deixaram atar. Todos almejam pela libertação em Cristo. É diante do Pobre que começam por reconhecê-lo agonizante. É uma das páginas do Evangelho. Faltam as outras. Mas, a pouco e pouco, soletrá-las-ão, até reentrarem na Igreja, única depositária e legítima interprete do Evangelho.

Além dos medicamentos prometidos e da consoada em géneros enviada por este Moço, deixaram-se igualmente ferir «uma sofredora» que escreve com a tinta das suas lágrimas e envia 20\$, mais Porto com outro tanto, Sever do Vouga com 30\$ e outra vez o Porto com 50\$.

Quando há Cireneus, já não custa tanto a levar a Cruz.

Padre Aires

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

UMA MÁQUINA DE COSTURA: Já havíamos tratado o caso em reunião da Conferência. E até nos comprometemos fazer o apelo no jornal. Mas... tem-nos custado pedir. A gente pede tanto! E sempre! Hoje, porém, fomos vencido. Estavamos no escritório. A páginas tantas Domingos abre a porta, espregueira e informa: «está aqui o Sr. Dias». Por senhor Dias sabia-se que é um dos nossos primeiros amores. Vive com uma neta paralítica, e é feliz habitante numa casa do Património dos Pobres lá para os lados de Esmegilde. Entrou. Sentou-se. Poitou o chapéu mai-la bengala e falou, falou, falou. Tanto e tanto que atingimos o rubro e pegamos na caneta e gravamos algumas frases: «A cachopa é um amor. Está a ficar costureira. E se tivesse a máquina já ganhava algum. Só é pena não poder andar! Tenho tanto gosto nela! Veja que não me deixou vir aqui com a camisa suja... Olhe que bonita! Foi duns farrapicos...» Como estas palavras foram salpicadas de lágrimas sinceras! Sim; ele é um pobre que reza. Que sofre de olhos postos na Cruz. «Olhe que a máquina é uma esmola muito grande. Assim que eu morrer fica a ganhar a vidinha dela». Ora quem pode ficar inerte, quem? Não importa que seja velha, nova, usada ou por usar, o que o Senhor Dias pretende é uma máquina de costura. Será possível? Beijamos as mãos do Feliz que levantar o dedo.

A CONSOADA: Como de costume, no domingo antes do Natal distribuímos a Consoada aos nossos Pobres. Foi dia de festa. Não faltaram lágrimas. Lágrimas de alegria. Como nos soube bem gozar aqueles momentos! Não pelas batatas, nem pelo azeite, nem pela regueija, nem pelo bacalhau. Isso são coisas materiais. É matéria. O que mais conta naquele momento é sentirmo-nos irmãos. Mais irmãos. Irmãos em Cristo Senhor Nosso. Podemos lá esquecer aquele abraço, aquele beijo do velhinho prostrado no leito? Não. Isso jamais se apagará. Porquê? Foi Jesus que desceu do Céu e quis abençoar-nos. Jesus na Pessoa do Pobre. Jesus humilde, das humildes palhinhas de Nazaré. Anda o mundo à procura da Paz. O mundo quer Paz. Nós queremos a Paz. Porém, só quando «descobrimos» e sentirmos verdadeiramente Jesus no Pobre poderemos cantar vitória. Doutra forma a Paz é paz.

O QUE RECEBEMOS: M. C., um embrulho e 20\$. Assinante 9.399, 300\$. Dr. Agostinho Moutinho, 50\$. Assinante 15074 idem. Idem 12791, 300\$. Um anónimo, 100\$. «Duma mãe que pede uma oração», 10\$. Leopoldino Pereira, 40\$ «para pagamento das cotas de Novembro e Dezembro». Isto é que é bom! Admirável! Subscritores de livre vontade — sem cobrança, nem recibo, nem aviso, nem nada. Expon-taneidade. Assinante 5203, 20\$. Idem 22971, 139\$. Idem 12832, 50\$. «De uma pessoa que muito lhes deve, pelo muito que Deus a tem ajudado», 390\$ e o Senhor Padre Carlos mandou 200\$ pró Porto. Mais 50\$ do assinante 8528. «Para amortização duma dívida; Deus me ajude a pagá-la» — foi-se a ver e eram 100\$. Assinante 24058, metade. Fernanda Vale Pires, 10\$. Idem da assinante 13973. Ernesto Alves Ferreira, o dobro. «Junto envio 20\$. Quero ver se mando todos os meses a mesma quantia. Uma anónima». A promessa desta anónima enche-nos de consolação: é mais uma presença de todos os meses. Maria Helena Covas Alves, 50\$. José Rocha, do Coliseu, 20\$ e mais 10\$. Mais 50\$ de quem assina ilegal. Mais 20\$ do assinante 4343. Mais idem de Olinda Grego. Mais 35\$ do Porto, resto de contas.

O NATAL EM PAÇO DE SOUSA

Natal de Jesus Menino de 1956. Este toque de rebate que todos os anos nos fustiga a consciência, foi este mui mais apertado. É a influência da-quele que torna a chama mais agitada, mais viva, para que possamos ver com os olhos da alma. Esta doce palavra Natal, soa em nossos ouvidos como canção maviosa que nos em-bala e nos enche o caminho de esperanças. Parece que tudo se se torna mais fácil, mais belo. É o soar em nossos ouvidos, das trombetas dos Anjos, naquele humilde estábulo de Belém, onde começou a brilhar a Luz do mundo! Que alegria! Que doces cantares! Que luz! Para melhor vermos todo este esplendor, façamos o presépio, cada um dentro de si. Se queremos sentir a alegria dos pastores de há dois mil anos, teremos de oferecer estalagem à Família de Nazaré.

Para nós foi um dia alegre como o não seria em parte nenhuma. Ninguém esteve mais alegre do que a nossa unida família. É-lhe dado o sentido exacto. Os maiores são os pais dos mais pequenos. Os superiores, pais de todos e assim continuamos fortes, unidos, entricheirados para novas lutas que se avizinham.

Já todos esperavam por este dia há muito tempo; era o assunto principal das conversas. Cada casa, com seu chefe à frente, tratava de seus presépios e limpezas para que o Menino Jesus ficasse contente. E temos a certeza que tal aconteceu pois todas se portaram à altura. Todos os anos há concurso de presépios. Sem desprimor para todas as outras casas, foi o da Casa 3 que se classificou em primeiro lugar. E vivam todos os presépios!

Nestes dias não há mãos a medir. Todos dobram os esforços para que tudo seja melhor.

Onde se viam mais candidatos a serviços caseiros era na Casa Mãe para a qual se voltavam grandes atenções. Não sei se era por cheirar a coisas boas, mas tenho a impressão que sim senhor! O que não tenho dúvidas é da eolher de pau ter entrado em acção. Podia lá agora faltar...

A noite foi muito grande. Vieram consoar connosco os do Lar do Porto, os de Beire e alguns antigos colegas, com o que nos sentimos muito felizes.

Na cozinha há grande azáfama. Os chefes é que são os operadores e a Senhora D. Sofia é quem comanda e deve dizer-se que se vê às aranhas! Mas chega-se ao fim e tudo dá certo. Uns servem bacalhau. Outros, azeite. Mais batatas. Criados de mesa. Não faltava nada. A caldeirada estava um amor. Todos lhe atiravam com

Mais 20\$ de Maria Amélia Vilas Boas, em sufrágio da alma do nosso Pai Américo. Mais 100\$ de uma Alentejana. Uma Alentejana! Mais 5\$ da assinante 12594. Mais 60\$ de Ezequiel Pinto, cotas de Julho a Dezembro. Mais um muito obrigado a todos. Boas Festas. E mais nada.

JULIO MENDES

vontade, mas no meio disto tudo destacava-se o prato de C. Pereira. Parêcia a «Serra de Calves»... Mas ele é que não se importava do paleio e no fim o prato ficou limpo...

Vêm as rabanadas, filhós, muitos vivas e no fim, estes que têm bigode, puderam fumar um cigarrito. Nunca mais podemos esquecer estas noites. Quando amanhã formos chefes de família transmitiremos a nossos filhos, estes a outros e andar sempre em nosso sangue. Pai Américo não faltou. Lá estava. Acusavamos a sua presença de duas maneiras. No refeitório por meio duma foto, olhando para todos e por meio de olhos invisíveis que são os que mais vêm. Não temos dúvidas que lá do Alto se ria com a «revolução» como dantes, quando caminheiro em nome de Cristo!

A seguir vem a festa do G. Cénico no salão de festas, que apresentou o drama em 3 actos: «O Comandante abaixo de Deus». Não teve o brilho dos espectáculos do costume, mas a compensar está a boa vontade que todos emprestaram. Vários factores contribuíram para isso e entre eles e o essencial, foi o da falta de tempo para uma preparação mais adequada para que o brilhantismo fosse uma realidade. Atenção pois senhores artistas e cuidado com futuras festas.

Meia noite. Ouvem-se os sinos das terras circunvizinhas. Dirigimo-nos para a nossa capela, onde era o centro da festa, para tomarmos parte no Grande Sacrifício, que Jesus imolado oferece por todos nós. Por entre cânticos adequados, beijamos os pés do Menino Jesus que estava no presépio da nossa capela e vamos para a cama mais contentes connosco próprios.

No dia 25 levantamo-nos às 9 horas, tomamos o pequeno almoço e fomos jogar um desafio de futebol com os do Lar do Porto. A peleja foi muito bem disputada, sob uma chuva miudinha. Os de Paço de Sousa, manifestando superioridade global, venceram pelo expressivo score de 7-0.

Hora e meia. Estamos no refeitório. Todos muito animados e os de Paço de Sousa afinavam os colegas do Lar, pois vinham cheios de peneiras e não conseguiram saber para que lado ficava a baliza do Brito, que se exibiu a grande altura.

Como sempre, esteve cá com bolo-rei e almoçou com a malta, uma família amiga desde as primeiras horas. O nosso reconhecimento e a continuação de optimas festas, são os votos de todos e do

DANIEL BORGES DA SILVA

Tribuna de Coimbra

Começamos por dizer às «amiguinhas M.^a Helena e M.^a Isabel» de Coimbra que podem continuar a deixar as suas lembranças na Casa do Castelo, que ficam bem entregues.

Estas duas «amiguinhas» solenizam muitos dias no ano com uma carta para nós. Deus as ajude a continuar.

Vinte de visitantes; mais com duzentos e cincoenta; uma peça de retalhos do Porto; cincoenta duma promessa; cem no eléctrico; vinte na Sarcristia; cincoenta no Hospital; cem na Covilhã para a gazolina; o mesmo em Vendas Novas para ajuda; mais cem da mãe duma universitária do Porto; outros cem deixados no Lar.

Vinte do Luso por uma entrevidinha. A renúncia e o sacrifício deste acto! É por isto mesmo que Deus olha sempre a tempo para as nossas aflições! Nós acreditamos que há vidas de doação permanente pela Obra da Rua.

Setenta da mãe dum dos nossos que o pode vir buscar; cinquenta de visitantes; cem num estabelecimento em Coimbra; cem na tocha para uma telha; mil e quinhentos entregues ao e pelo nosso Padre Carlos; cinquenta duma senhora na Casa dos Retiros; uma factura paga pela Luso-Sueca; cem e lençóis para o o Calvário a um vendedor em

Coimbra; vinte a outro vendedor; duzentos duma Confraria de Coimbra; roupas usadas de Coimbra; roupas a um gaiato.

E a propósito de roupas usadas eu quero queixar-me de que este ano não tivemos nenhuma para o Natal dos nossos pobres e para os nossos rapazes. Estamos neste momento com tanta necessidade no meio deste frio intenso de inverno!

Quinhentos de Coimbra num envelope; cem a um vendedor em Castelo Branco para o nosso Natal; coisas para as nossas boroínhas num armazém de Coimbra; duas facturas pagas num armazém de solas e cabedais; uma peça de flanela que o dono dum estabelecimento de Coimbra cá veio trazer; uma peça para camisas de Coimbra.

750\$ da Confraria da Rainha Santa; os 60 kgs. de bacalhau de todos os anos; um pneu usado e cem levados ao nosso Lar; roupas de Fonte da Aldeia; a Senhora de Coimbra de muitas vezes mandou um grande galo e cincoenta; uma senhora nova andou pelas portas e trouxe-nos quatrocentos. Isto é admirável!

Cincoenta da Maria Fernanda; os mimos do costume das Fábricas Triunfo. E na próxima continuaremos se Deus quiser.

Padre Horácio

Casas para Trabalhadores

Uma das características da personalidade forte do Pai Américo era uma largueza de vistas invulgar. Nunca fechou os olhos a iniciativas estranhas. Nunca. As suas obras nunca o dominaram ao ponto de ser menos compreensivo para o que se passava à sua beira no domínio do exercício das Obras de Misericórdia.

Dois meses antes da sua morte, encontramos-nos em Paço de Sousa, no seu pequenino quarto de trabalho. Assunto de conversa: Pobres é modos de remediar as suas dificuldades. Casas — foi a palavra de ordem daquelas duas horas de troca de impressões.

— É preciso não pensar apenas nos miseráveis, mas também nos pobres, naqueles que pelo facto de terem uma cebra, uma belguita, uma casita estilo corte de animais — de animais pertencentes a pobres, porque os dos ricos vivem muito mais bem instalados do que uma boa parte da população. — já não são ajudados por ninguém; mas, ao contrário, explorados de muitas e variadas maneiras. As suas intervenções eram rápidas, decisivas.

— Escreva.

— Não podemos deixar correr as coisas à maneira liberal, fatalista, disfarce grosseiro dum comodismo criminoso, dum abstencionismo de graves consequências para todos.

— Faça doutrina, escreva.

— Os pobres, deixados a si mesmo, resignam-se a todos os males materiais e morais, como que perdem a sensibilidade, a dignidade própria. Assim se diminuem, perdendo quase completamente a personalidade. Temos que ajudar os pobres para amanhã haver muito menos miseráveis. É o único caminho. Prevenir. Ir às causas.

— Escreva, escreva. Tem o «Gaiato».

— Está bem Senhor Padre Américo. Mas, antes, realizar. Hoje ninguém acredita nos teóricos. São tantos. E gritam tanto. O mundo não precisa tanto de Doutrina como de Testemunhos. Escrever sim, mas realizar primeiro.

Pai Américo, que se conservava de olhos fechados, levemente inclinado, com fisionomia um pouco triste, toma um atitude de vivacidade, ergue-se, sorri com aquele sorriso tão característico e diz, bondoso e decidido:

— Tem razão. Vá embora. Faça as primeiras casas e depois avise. Eu irei consigo aos Ministérios, falaremos então a valer de casas para trabalhadores pobres feitas pelos próprios trabalhadores e no nosso jornal passará a haver uma secção permanente, privativa desse movimento tão necessário. Vamos para a frente.

Foi uma vontade do Pai Américo expressa dois meses antes de morrer. Temos de a cumprir.

P. Fonseca

Visado pela
Comissão de Censura